

É TEMPO DE DERRUBARMOS OS “MUROS” QUE BLOQUEIAM NOSSA CONVIVÊNCIA



*“João disse: Mestre, vimos um homem que expulsa demônios pelo poder do nome do senhor, mas nós o proibimos de fazer isso **porque ele não é do nosso grupo**. Jesus respondeu: Não o proibam;” (Marcos 9:38-39a – NTLH)*

O ser humano foi criado por Deus para viver em sociedade. E nessa vivência em sociedade é natural a formação de grupos sociais. Em geral esses grupos são criados

por afinidades entre os seus participantes. E essas afinidades podem vir das mais diversas fontes como a música, o esporte, a moda, a política etc.

Todo grupo social tem por natureza algumas características; uma delas é a de **agregar** outras pessoas ao seu conjunto; esse tipo de grupo defende a filosofia do “quanto mais, melhor!”. Outros grupos, porém, optam por serem **restritivos**; a característica desse grupo é o de proibir que uma pessoa estranha faça parte do mesmo sem ser convidada e aceita pela maioria. E há ainda aquele grupo que tem por aspecto peculiar o **exclusivismo**. O grupo exclusivista é formado e mantido tão somente pelos seus fundadores, impedindo com isso, que outras pessoas façam parte da agremiação. Era desse grupo que João, e os demais discípulos de Jesus, julgavam fazer parte. Mas Jesus tratou logo de esclarecer que o seu grupo não era **exclusivo**, mas, sim, **inclusivo** (cf. Mateus 19:21; Lucas 9:57-62; Lucas 10:1).

Hoje, na maioria das igrejas evangélicas brasileiras (principalmente entre os jovens), essa cena se repete. O que vemos hoje são grupos e mais grupos gerados e formados nas igrejas, com uma pseudo aparência de afinidade, mas que na verdade são exclusivistas. São as famosas “panelinhas” que não agregam nada para o reino de Deus. Pelo contrário, esses grupos excluem os membros da comunidade e com isso dividem a igreja. São afinidades que não promovem **união**, mas, sim, **divisão**. O resultado disso são igrejas rachadas e feridas internamente, em uma demonstração de total falta de amor alheio.

Normalmente os grupos exclusivistas sobrevivem das fofocas e da maledicência em relação aos outros grupos sociais. Os participantes desse “grupo-panela” quase nunca estão abertos ao diálogo e ao respeito pela diversidade do outro. Quando questionados ou confrontados, tratam logo de maquinar um meio pelo qual farão com que suas intenções e motivações sobrepujem os outros pontos de vista que possam existir na comunidade. A afinidade na igreja é sadia, mas a formação de “panelinhas” não. Afinal, lugar de panela é cozinha, de preferência contendo uma comida bem saudável e saborosa.

Jovem, se nós não podemos nos sentar à “mesa da comunhão” aqui na terra, como esperamos passar toda a eternidade juntos lá no céu? É tempo de derrubarmos os “muros” que bloqueiam nossa convivência com as demais “tribos” de nossa comunidade... Pense nisso!